

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL**

**UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE PARANAÍBA**

**CURSO DE PEDAGOGIA**

**MARIA CRISTINA DE PAULA SOUSA**

**A INFÂNCIA NOS LIVROS ESCOLARES BRASILEIROS DE HISTÓRIA**

**Paranaíba/MS**

**2017**

**MARIA CRISTINA DE PAULA SOUSA**

**A INFÂNCIA NOS LIVROS ESCOLARES BRASILEIROS DE HISTÓRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS, Unidade de Paranaíba como exigência parcial para a conclusão do curso de licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Prof<sup>o</sup> Me. Jémerson Quirino de Almeida

Paranaíba/MS

2017

S716iSousa, Maria Cristina de Paula

A infância nos livros escolares brasileiros de história/ Maria Cristina de Paula  
Sousa.- - Paranaíba, MS: UEMS, 2017.

53 f.; 30 cm.

Orientador: Prof. Me Jémerson Quirino de Almeida.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) –  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de  
Paranaíba.

1.História da Educação.2.Livros escolares de história.3. Infância.  
I.Sousa, Maria Cristina de Paula. II. Universidade Estadual de Mato Grosso  
do Sul, Unidade de Paranaíba, Curso de Pedagogia. III. Título.

CDD –370.981

Bibliotecária Responsável: Susy dos Santos Pereira- CRB1º/1783

**MARIA CRISTINA DE PAULA SOUSA**

**A INFÂNCIA NOS LIVROS ESCOLARES BRASILEIROS DE HISTÓRIA**

Este exemplar corresponde a redação final do trabalho de conclusão de curso apresentado e aprovado para a obtenção do título de licenciatura em Pedagogia pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

Aprovada em: ...../...../.....

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.Me. Jémerson Quirino de Almeida  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

---

Prof.Ma. Gabriela Massuia Motta  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

---

Prof.Dr. Jean Paulo Pereira dos Santos Menezes  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

*Aos meus avós (em memória).*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus e a Nossa Senhora Aparecida por mais uma conquista em minha vida.

A minha família que sempre esteve ao meu lado, me incentivando, auxiliou a vencer todos os desafios que apareceram, e que não me deixaram desanimar. Em especial a minha madrinha Oscarina da Silva Costa (em memória) que foi uma das pessoas que mais torceu para o meu sucesso.

Agradeço ao meu orientador Jémerson Quirino de Almeida que me ajudou a produzir essa pesquisa, por ter sido tão paciente, humilde, me transmitindo um pouco de conhecimento das experiências que adquiriu durante sua jornada acadêmica e por acreditar que eu conseguiria concluir o trabalho, podendo me tornar uma pesquisadora com essência.

Agradeço aos meus professores que durante os anos de graduação estavam presentes, incentivando a não desistir da pesquisa e me preparando para uma nova etapa dentro da educação.

E por fim, agradeço aos meus amigos e as pessoas que conheci durante a vida na universidade e que participaram direta ou indiretamente do andamento da pesquisa, trocando experiências e tendo novos ensinamentos que levarei para a vida toda.

## RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo analisar como se apresentada a infância nos livros escolares brasileiros de História. Desta maneira, em nosso estudo realizamos uma revisão bibliográfica sobre o tema de forma a apontar algumas definições sobre o conceito de infância e, analisamos como a criança foi apresentada nos livros escolares brasileiros de história por meio da investigação de alguns livros escolares que selecionamos: Francisco de Assis Silva (1994) *História do Brasil I. Colônia*; Ricardo Dreguer e Eliete Toledo (1995) *História Cotidiano e Mentalidades – Da Hegemonia Burguesa à Era das Incertezas Séculos XIX e XX*; Cláudio Vicentino (1996) *História memória viva – Brasil Período Colonial e Independência*; José Rivair Macedo e Mariley W. Oliveira (1996) *Brasil Uma História em Construção*; Nelson Piletti e Claudino Piletti (2002) – *História e Vida Integrada*; Maria Raquel Apolinário Melani (2006) – *Projeto Araribá História*. Verificamos os textos, as imagens e os recortes (boxes) em que são representadas as crianças, buscamos compreender por meio dos deles questões ligadas à educação no Brasil, em especial, atentamos a forma como a infância é apresentada nos materiais. Nosso estudo se justifica pela necessidade de se entender o processo de construção do conceito de infância no decorrer da história. Assim, acreditamos que o estudo pode ajudar a entender como a criança é retratada historicamente pelos textos nos dias atuais, e qual é o seu papel na sociedade contemporânea.

**Palavras-chave:** História da Educação. Livros escolares de história. Infância

## **ABSTRACT**

This research aims at analyzing how childhood is presented in Brazilian textbooks of History. In this way, in our study we carried out a bibliographical review on the subject in order to point out some definitions about the concept of childhood and, we analyzed how the child was presented in the Brazilian textbooks of history through the investigation of some school books that we selected: Francisco de Assis Silva (1994) *History of Brazil I. Colônia*; Ricardo Dreguer and Eliete Toledo (1995) *Daily History and Mentalities - From the Bourgeois Hegemony to the Era of Uncertainties 19th and 20th Centuries*; Cláudio Vicentino (1996) *History living memory - Brazil Colonial Period and Independence*; José Rivair Macedo and Mariley W. Oliveira (1996) *Brazil A History in Construction*; Nelson Piletti and Claudino Piletti (2002) - *History and Integrated Life*; Maria Raquel Apolinário Melani (2006) - *Araribá History Project*. We verify the texts, images and boxes in which the children are represented, we seek to understand through theirs issues related to education in Brazil, in particular, we look at how childhood is presented in the materials. Our study is justified by the need to understand the process of constructing the concept of childhood throughout history. Thus, we believe that the study can help to understand how the child is portrayed historically by the texts in the present day, and what their role in contemporary society.

**Keywords:** History of Education. History school books. Childhood.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.</b> ....	<b>9</b>
<b>1.0 CONCEITO DE INFÂNCIA: UM OBJETO EM CONSTRUÇÃO.</b> .....	<b>12</b>
<b>1.1 A criança na Idade Média.</b> .....	<b>12</b>
<b>1.2 A Revolução Francesa e o sentimento de infância.</b> .....	<b>16</b>
<b>1.3 O Papel da infância na sociedade contemporânea</b> .....	<b>19</b>
<b>2. AS CRIANÇAS NOS LIVROS ESCOLARES DE HISTÓRIA.</b> .....	<b>23</b>
<b>2.1 A representação das crianças nos livros escolares.</b> .....	<b>23</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.</b> .....	<b>39</b>
<b>REFERÊNCIAS.</b> .....	<b>41</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>44</b>



## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa busca verificar como a infância é apresentada nos livros escolares brasileiros de história. Sabe-se, pois, que as crianças no Brasil desde o período colonial, viveram em situações muito difíceis. Todavia, cabe ressaltar que já havia crianças (indígenas) no território que viria a ser o Brasil, assim como muitas que aqui chegaram, vieram em condições desumanas, via tráfico negreiro.

Sendo assim, nosso estudo se justifica pela necessidade de se melhor entender o processo de construção do conceito de infância no decorrer da história. Assim como, de compreender de que maneira as crianças aparecem nos livros escolares. Partimos de algumas informações preliminares, acreditamos que o estudo pode ajudar a compreender como a definir o conceito de criança e infância. De forma a perceber como o conceito foi construído historicamente até os dias atuais, e qual seu tratamento na sociedade contemporânea por meio dos materiais de uso escolar.

Vale ressaltar que “As investigações ligadas à área de História e Educação vêm, desde a segunda metade do século XX, desenvolvendo análises que tomam os livros escolares como fonte de pesquisa” (ALMEIDA; CENTENO, 2014 p. 63). Esses autores destacam a importância desse objeto de pesquisa, desde o século XVII com Comenius e a Didática Magda que tratava de uma educação para “ensinar tudo a todos”.

Porém havia dificuldades para a implantação dessa forma de educação, sendo que: “(...) existiam impedimentos desde a falta de educadores conhecedores do método, bem como de instrumental de trabalho para orientar o trabalho didático nos novos moldes” (CENTENO 2009 p. 172).

Buscando a transformação dos métodos de trabalho didáticos, de maneira a reduzir os custos e viabilizar colocar em prática o seu projeto pedagógico (ALMEIDA; CENTENO, 2014), Comenius criou os “livros pan-metódicos” que seriam o mais importante instrumento para a nova escola. Conforme Alves:

Surgia um novo instrumento de trabalho do professor: o manual didático. Quanto à sua forma e à sua função, essa nova tecnologia educacional distinguia-se tanto dos livros clássicos, até então muito caros e pouco universalizados como decorrência dos limites próprios da produção manufatureira, e das antologias, subprodutos escolares dos livros clássicos,

pois nestes selecionavam os extratos que as compunham (ALVES, 2005, p. 76 apud CENTENO 2009,p.172).

Com o novo método de Comenius, e seus livros pan-metódicos, houve queda nos custos, pois o método de trabalho com base nos textos escolares comenianos permitia que qualquer um com capacidade intelectual mediana pudesse ensinar (ALMEIDA, 2013). Desta maneira, de acordo com Centeno:

o manual didático, além de resumir um programa de conteúdos informativos, os dispunha de uma ordem seqüencial e condicionava os procedimentos docentes necessários ao seu uso. Enfim, dava à tônica ao trabalho didático (CENTENO, 2009 p.172).

Contudo, os manuais didáticos só se expandiram no final do século XIX e, sobretudo, no século XX. Com o grande desenvolvimento da sociedade e da educação. No caso do Brasil só tiveram ênfase no século XIX nos colégios secundários (CENTENO 2009, p.172).

Os primeiros manuais eram importados da França, porém depois de algum tempo os professores brasileiros começaram a produzir os livros para os estudantes do seu país. E “(...) a partir da década de 1930 os manuais escritos em língua estrangeira foram proibidos” (CENTENO 2009 p.173), e aos poucos os textos escolares passam a predominar no ensino brasileiro. Porém, de início os manuais eram utilizados apenas como instrumento auxiliar. O que se difere dos dias de hoje, em que o livro didático predomina no processo de ensino.

A partir das discussões sobre a infância e a importância dos manuais didáticos na escola contemporânea, nos dispusemos a examinar alguns livros escolares: Francisco de Assis Silva (1994) *História do Brasil I. Colônia*; Ricardo Dreguer e Eliete Toledo (1995) *História Cotidiano e Mentalidades – Da Hegemonia Burguesa à Era das Incertezas Séculos XIX e XX*; Cláudio Vicentino (1996) *História memória viva – Brasil Período Colonial e Independência*; José Rivair Macedo e Mariley W. Oliveira (1996) *Brasil Uma História em Construção*; Nelson Piletti e Claudino Piletti (2002) – *História e Vida Integrada*; Maria Raquel Apolinário Melani (2006) – *Projeto Araribá História*;

verificamos os textos, imagens<sup>1</sup> e recortes em que são representadas as crianças, buscamos compreender, por meio dos deles, questões ligadas à educação no Brasil, em especial, atentamos a forma como a infância é apresentada nos materiais.

O primeiro capítulo será apresentado diferentes conceitos de infância e sua evolução em um processo histórico, iniciado na Idade Média, passando pela Revolução Francesa e até os dias atuais, para compreender o tratamento da criança nesses períodos, seus direitos e deveres enquanto cidadã.

No segundo capítulo faremos análises dos livros didáticos de história problematizando o modo que a criança é representada nos mesmos, observando os textos, imagens e ilustrações, em que podemos ter um maior conhecimento sobre algumas questões ligadas a educação brasileira.

---

<sup>1</sup>Ao final do texto será apresentada as imagens em anexos.

## **CAPÍTULO 1 – O CONCEITO DE INFÂNCIA: UM OBJETO EM CONTRUÇÃO**

A infância é um tema bastante discutido atualmente, e produz diversas formas de compreensão do conceito. No decorrer da história, as explicações para essa fase da vida humana se davam de maneiras diferentes, de acordo com o período e localidade em que os debates estavam ocorrendo.

Neste capítulo, buscamos realizar uma revisão bibliográfica para apresentar algumas definições sobre o conceito de infância, de forma a dar maior compreensão e condições de discussão do tema.

### **1.1 A criança na Idade Média**

Ariès (1981) nos propõe que o termo infância era amplo, tinha sentido de dependência e era designado às crianças e adolescentes e que na Idade Média as crianças eram ausentes até mesmo na arte. Sendo que,

o sentimento de infância não existia na Idade Média, a ela não se dispensava um tratamento específico correspondente à consciência infantil e as suas particularidades que a diferenciava dos adultos. Tão logo a criança não necessitasse mais da mãe ou da ama ela já era inserida na sociedade dos adultos e assim participava de jogos, de afazeres domésticos ou trabalhava como aprendizes. Suas roupas eram incômodas e similares à do adulto. Essas vestimentas impossibilitavam a criança à liberdade de movimento, tirando-lhe o prazer em correr, sujar-se, subir em árvores, podendo-lhe de tudo aquilo que faz parte do mundo infantil descaracterizando-a daquilo que realmente é (LUSTING; CARLOS; MENDES E OLIVEIRA 2010p.5)

No artigo *A infância a partir de um olhar sócio histórico*, Bernartt (2009) nos traz importantes questões relacionadas a Idade Média. No texto podemos notar que naquela época a sociedade não tinha a compreensão da infância e as crianças eram vistas como adultos em miniatura. A taxa de mortalidade infantil era muito grande, pois as condições de sobrevivência eram precárias e as poucas crianças que permaneciam logo eram afastadas das famílias, “(...) no caso das famílias ou iniciando no mundo do trabalho muito cedo” (BERNARTT 2009, p.4227).

Por muito tempo a sociedade não tinha a percepção da infância, as crianças desde muito cedo eram inseridas no mundo adulto, de acordo com Pinheiro (2003, p.49):

Na Idade Média, muitas crianças vivam misturadas aos adultos, não havendo grandes diferenças em termos de vestimenta, jogos, atividades, aprendizagens e até mesmo em relação ao trabalho. Eram vistas, em geral, como adultos em miniatura, cuja educação se dava em meio aos adultos, por um sistema de permuta de crianças entre famílias, para que fossem ensinados determinados trabalhos, costumes e valores, assim como as aprendizagens em oficinas, junto aos artesãos. Enfim, os afazeres e conhecimentos necessários a vida (ARIÈS,1984).

No entanto segundo Andrade (2010, p. 49) o ingresso futuro eram diferente para as crianças,

Aquelas que eram pobres, assim que cresciam eram inseridas no mundo do trabalho, sem qualquer diferenciação entre adultos e crianças. As crianças nobres tinham seus educadores e eram vistas como miniatura de adultos e deveriam ser educadas para o futuro de transição para a vida adulta.

Com o desenvolvimento da história, a infância começa a ser percebida como algo diferente e moderno, como ressalta Andrade (2010, p. 49):

Philippe Ariès realizou seus estudos na iconografia da era medieval à modernidade observando representações da infância na Europa Ocidental, especialmente na França, estudos esses que sinalizam a infância como produto de vida moderna resultante das modificações na estrutura social.

Ainda com referência ao autor francês, um outro autor Kuller (2008), sustenta, no que diz respeito aos estudos específicos sobre as crianças, “Os estudos que envolvem crianças surgiram há 150 anos, todavia em seu sentido biológico, no qual apenas explicava a infância e seu desenvolvimento como natural e hegemônico, ou seja, predominante imutável” (Kuller 2008, p.3).

A obra de Philippe Ariès não foi a única a tentar explicar o sentimento da infância. Conforme Heywood:

Havia, sucessivamente, idades em que as pernas não eram adequadas para caminhar; idade para a dentição (quando as pernas ainda eram fracas e as gengivas não se encontravam preenchidas pelos dentes); para a aquisição de força e dentição, para a produção de esperma e pêlos faciais (deixando escapar um foco nos meninos); e para a aquisição da força física e crescimento integral (HEYWOOD 2004, p.2).

Porém surgiram muitos comentários a respeito de Ariès, pois de acordo com Andrade 2010:

Apesar de algumas críticas serem tecidas à análise iconográfica realizada por Ariès, a sua obra é um marco para entendermos que a infância é uma categoria da modernidade e não pode ser compreendida fora da família e das relações de produção(p.49)

Alguns questionamentos foram levantados, Gouvêa (2003) aponta que a pesquisa de Ariès foi direcionada na idade moderna de infância das elites; Heywood (2004) questiona que as fontes utilizadas por Ariès eram centradas no presente e destaca que na Idade Média existia o conceito de infância como se pode observar nos discursos greco-romanos.

Havia, sucessivamente, idades em que as pernas não eram adequadas para caminhar; idade para a dentição (quando as pernas ainda eram fracas e as gengivas não se encontravam preenchidas pelos dentes); para a aquisição de força e dentição, para a produção de esperma e pêlos faciais (deixando escapar um foco nos meninos); e para a aquisição da força física e crescimento integral (HEYWOOD, 2004, p.26).

Com o desenvolvimento rápido do capitalismo e da sociedade, passa a ter um olhar diferente para as crianças.

É somente no século XVII que a infância encontra reconhecimento de forma mais expressiva, que até então o sentimento do adulto pela criança eram ocultos, e com o passar do tempo foram criadas políticas públicas voltadas para as crianças valorizando seu histórico social e cultural.

Surge uma visão diferente para com a infância, no artigo *A construção do conceito de infância: algumas interlocuções históricas e sociológicas*, sustenta que “(...) a preocupação com a criança encontra-se presente somente a partir do século XIX, tanto no Brasil como em outros lugares do mundo” (NASCIMENTO; BRANCHER & OLIVEIRA 2011,p.2).

A socialização e interação da criança eram por meio do convívio com a comunidade, sendo hoje a escola um local importante para esse contanto com o mundo.

A transmissão de conhecimento e educação ocorriam na vida em comunidade, aprendendo assim seus valores e costumes, não tendo um olhar perspectivo e sensível para tal período, segundo Ariès (1973) “durante a idade Média, antes da escolarização das crianças, estas e os adultos compartilhavam os mesmos lugares e situações, fossem eles domésticos, de trabalho ou de festa”(ARIÈS, 1973 *apud* NASCIMENTO; BRANCHER & OLIVEIRA 2011, p.4). Contudo, hoje a escola que tem o papel de apresentar e explicar o mundo para a criança, e demonstrar que elas são cidadãos com direitos e deveres.

Assim, se antes não havia lugar específico para criança na sociedade moderna e surgiram leis de proteção, amparo e dependência. “Vistas como seres biológicos necessitavam de grandes cuidados, e também, de uma rígida disciplina, a fim de transformá-las em adultos socialmente aceitos” (LEVIN 1997, p.5).

Contudo, fazemos algumas ressalvas, pois, Andrade citando Ariès expõe o fato da ausência do sentimento da infância não significava que as crianças eram desprezadas e maltratadas. Mas no século XVIII, ocorreu o inverso: “(...) pode-se observar um estado de paparicação excessiva acrianças, como se fossem bichinhos de estimação dos adultos” (ANDRADE 2010,p.59).

No *artigo A concepção de infância na visão de Philippe Ariès e sua relação com as políticas públicas para a infância*, de Barbosa e Magalhães (2008) nos apresenta que na Idade Média logo que as crianças tinham independência física já eram inseridas no mundo adulto não passando pelos estágios da infância e sua socialização era controlada pelos pais e sua educação era garantida por serviços realizados juntamente com os adultos.

De acordo com Barbosa e Magalhães:

O sentimento de infância, de preocupação com a educação moral e pedagógica, o comportamento no meio social são ideias que surgiram já na modernidade o que nos leva a crer na existência de todo um processo histórico até a sociedade vir valorizar a infância. (...) Assim os sinais de desenvolvimento de sentimento para com a infância tornaram-se mais numerosos e mais significativos a partir do fim do século XVI e durante XVII, pois os costumes começaram a mudar , tais como os modos de vestir,a

preocupação da educação, bem como separação das crianças de classes sociais diferentes”( BARBOSA E MAGALHÃES 2008,p.3)

A educação e o comportamento das crianças estavam ligada ao modelo de sociedade civil da época, no qual deveria se ter um etiqueta e boas maneiras, e as escolas não eram frequentadas por crianças de acordo com a mesma faixa etária.

Segundo Barbosa e Magalhães:

É importante mencionar que até o final do século XVIII, as escolas não eram particularmente frequentadas por crianças de acordo com a faixa etária. Os centros (como eram chamados) acomodavam pessoas de qualquer faixa etária devido seu objetivo ser de caráter mais técnico que pedagógico, dessa forma somente os jovens é que começaram a frequentar a escola (BARBOSA E MAGALHÃES 2008, p.3).

Com o passar do tempo e os diversos acontecimentos na sociedade, passa-se a se ter um olhar diferente para com a criança, a partir da institucionalização da escola, e o sentimento de que a criança é um ser frágil e precisa de cuidados especiais.

## **1.2 A Revolução Francesa e o sentimento de infância**

Como percebemos, a criança era vista como um adulto em miniatura e que precisava ser moldada para a sociedade em uma rígida disciplina, e só depois da Revolução Francesa em 1789 a função do Estado foi modificada, o governo começou a se preocupar com o bem estar e com a educação das crianças (NASCIMENTO; BRANCHER; OLIVEIRA 2011, p.6).

No texto *Educação Infantil - Discurso, Legislação e Práticas Institucionais* de Andrade pode-se destacar que “A vida em família, até o século XVII, era vivida em público, ou seja, não havia privacidade de seus membros, até mesmo no tocante à educação das crianças.”(ANDRADE 2010, p. 49) . Tudo era feito dentro de uma coletividade e as crianças aprendiam no coletivo com participação no trabalho, jogos e momentos do cotidiano.

Mas com o passar do tempo o “sentimento de família” foi marcado pelo desejo de privacidade, e se passa a seguir o modelo de família burguesa “(...) o qual irá tocar a sociabilidade ampla pelo desejo de intimidade, reduzindo as vivências de formas comunitárias tradicionais.” (ANDRADE 2010, p.50).

E essa intimidade vem marcada por

mudanças de valores, especialmente em relação à educação das crianças. A criança assume um lugar central na família, pois se antes era cuidada de forma difusa e dispersa pela comunidade em geral, passará a ser responsabilidade dos pais. Ou seja, com o capitalismo e a propriedade privada, a criança passa a ser responsabilidade dos pais e também dona das riquezas, misérias e valores sociais (ANDRADE, 2010p.50).

Com o desenvolvimento do capitalismo no século XVII consolida-se a separação da esfera pública e privada, “(...) cabendo ao Estado a administração da esfera pública e das relações de produção, enquanto a família se responsabilizaria pela esfera privada, pelo espaço doméstico e pela reprodução das condições e sobrevivência” (ANDRADE 2010, p.50).

Porém, “Nesse período, a criança foi nascendo socialmente, considerada um ser dependente, frágil, ignorante e vazio, que precisava ser treinado para ser um bom cidadão, cabendo à família a responsabilidade pela sua socialização” (ANDRADE 2010, p.50).

A burguesia faz surgir um novo sentido de família, trazendo consigo um novo “sentimento de infância”, colocando a criança em uma condição diferente do adulto. Com isso a responsabilidade pela educação das crianças fica a cargo da mulher guiada pelo amor materno.

Ainda segundo Andrade (2010), a escola é a instituição responsável por separar os jovens e crianças do mundo adulto, por meio de práticas autoritárias e disciplinares em defesa do futuro. E as mudanças no interior da família e a necessidade de educação das crianças são os fatores determinantes para o sentimento de infância.

As concepções de infância no Brasil foram influenciadas a partir de sua colonização. A vida das crianças nessa época era muito difícil e complicada desde que estavam dentro das embarcações sendo submetidas a muitas horas de trabalho pesado.

Bernartt (2009 p. 4230), “No Brasil quinhentista a concepção da infância estava associada ao trabalho”. Conforme Lopes (2005): “Grumetes e pajens, crianças escravas e outras crianças imigrantes e migrantes, além do deslocamento ser um dos traços de suas identidades, o trabalho será outra característica que une seus espaços e tempos” (LOPES 2005, p.27).

As condições trabalhistas das crianças ganham forças com a implantação da República do Brasil, que criam mecanismos para o controle e legislações para eles. Mas que serviu apenas para regulamentar o trabalho infantil.

No século XVII começa-se perceber e a construir as concepções de infância que se apresentavam de diferentes modos conforme a classe econômica, sendo as crianças brancas e ricas destinadas a estudar e ingressar no mundo adulto. Já as crianças negras e escravas destinadas desde a muito cedo a trabalhar e servir as elites.

Com as mudanças na estrutura da sociedade e com o fortalecimento industrial no século XVIII, “(...) aparecem no Brasil as primeiras iniciativas de atendimento a criança abandonada, instalando-se a Roda dos Expostos nas Santas Casas de Misericórdia” (BERNARTT 2009, p.4231)

É a partir da descoberta humanista da especificidade da infância no século XIX que os termos ‘criança’, ‘adolescente’ e ‘menino’ passa a existir nos dicionários da década de 1930, tendo uma maior expansão para o entendimento da sociedade.

Tais questões se relacionavam ao debate iluminista que vinha se consolidando. De acordo com as teorias pedagógicas de John Locke a criança seria como uma tábula rasa, como um “vir a ser”, devendo ser preenchida de conhecimentos necessários para sua formação enquanto força produtiva.

Com isso, o conceito de infância se desenvolve e a criança passa a ser vista como “(...) um sujeito dotado de direitos, pois são cidadãs como os adultos, por isso devem ser protegidas e respeitadas.” (SILVA 2009, p.27), pois nem sempre foi compreendida dessa forma sendo uma idéiarecente.

Para assegurar as crianças de seus direitos no século XX:

temos três grandes leis que regulam a ação do Estado na direção da criança, são elas: Códigos de menores de 1927 e 1979 e o Estatuto da criança e do adolescente de 1990. Este último representou uma grande conquista para a defesa, não só dos direitos da criança, mas também do adolescente, pois ela é fruto da mobilização da sociedade civil, ou seja, de muitas lutas e movimentos sociais que buscaram assegurar um mínimo de dignidade para as crianças (SILVA 2009,p.27).

Garantindo que a criança possa ter uma vida plena, fazendo com que tenham um lugar específico e ser respeitada por tudo por todos.

### **1.3 O Papel da infância na sociedade contemporânea**

Um requisito básico para qualquer criança em desenvolvimento é a educação, e as leis que amparam as crianças estão principalmente expostas são o Estatuto da Criança e Adolescente de 1990, e sobre a educação na LDB 9.394/96.

O ECA (Estatuto da Criança e Adolescente) deixa claro que toda criança tem direito a educação. Citaremos alguns artigos presentes na lei onde se preocupam com a formação e o futuro das crianças.

Art. 53. A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-se-lhes:

- I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
- II - direito de ser respeitado por seus educadores;
- III - direito de contestar critérios avaliativos, podendo recorrer às instâncias escolares superiores;
- IV - direito de organização e participação em entidades estudantis;
- V - acesso a escola pública e gratuita próxima de sua residência. Parágrafo único. É direito dos pais ou responsáveis ter ciência do processo pedagógico, bem como participar da definição das propostas educacionais.

Art. 54. É dever do Estado assegurar à criança e ao adolescente:

- I - ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria;

II - progressiva extensão da obrigatoriedade e gratuidade ao ensino médio;

III - atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino;

IV - atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a seis anos de idade;

V - acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um;

VI - oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do adolescente trabalhador;

VII - atendimento no ensino fundamental, através de programas suplementares de material didático-escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde.

§ 1º. O acesso ao ensino obrigatório e gratuito é direito público subjetivo.

§ 2º. O não-oferecimento do ensino obrigatório pelo Poder Público ou sua oferta irregular importa responsabilidade da autoridade competente.

§ 3º. Compete ao Poder Público recensear os educandos no ensino fundamental, fazer-lhes a chamada e zelar, junto aos pais ou responsáveis, pela frequência à escola.

Art. 55. Os pais ou responsável têm a obrigação de matricular seus filhos ou pupilos na rede regular de ensino.

São garantidos também os direitos resguardada a proteção da criança frente ao trabalho infantil:

Art. 60. É proibido qualquer trabalho a menores de quatorze anos de idade, salvo na condição de aprendiz.

Art. 61. A proteção ao trabalho dos adolescentes é regulada por legislação especial, sem prejuízo do disposto nesta Lei.

Art. 62. Considera-se aprendizagem a formação técnico-profissional ministrada segundo as diretrizes e bases da legislação de educação em vigor.

Em síntese, podemos perceber a diferente conceituação que a infância sofreu para se chegar ao modo como está hoje, a preocupação com a criança ficou por responsabilidade da família e do Estado para proporcionar um período mais tranquilo em que possam se desenvolver plenamente, desde seu nascimento a adolescência.

Cabe ressaltar que na nova LDB a educação infantil recebeu um lugar de destaque, pois analisamos o contexto histórico e as instituições e vemos que com

um caráter assistencialista, sendo inválido nas outras legislações. De acordo com SILVA 2009, p.29:

É tratada na Seção II, do capítulo II (Da Educação Básica), nos seguintes termos:

Art. 29 A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem com finalidade o desenvolvimento integral da criança até os seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Art. 30 A educação infantil será oferecida em: I – creches ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade; II – pré – escolas para crianças de quatro a seis anos de idade.

Art. 31 Na educação infantil a avaliação far-se-á mediante acompanhamento e registro de seu desenvolvimento, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental (BRASIL, LDB, 1996).

A infância passou uma fase sem importância na vida dos indivíduos, para um momento em que os pequenos precisam de cuidados e respeito, um contexto que surge na modernidade, sofre modificações até seus desdobramentos culminarem no século XXI em que o amor pela infância passa a ser considerado uma das mais belas e importantes bases da vida social.

Com tantos direitos e leis, há também muitas preocupações, sendo a criança sendo um sujeito de direitos, muito desses, acabam não executados de fato ou ficam impedidos de serem realizados em sua totalidade, o direito básico de ser criança.

Conforme SILVA 2009, p.31:

Vivenciamos uma realidade em que a criança está envolvida a direitos de cidadania, mas sem condições para exercê-la, pois não existe um espaço reservado para a criança experimentar sua infância em sua plenitude. Se não são agendas lotadas de cursos e atividades que sobrecarregam seu dia, fazendo que elas deixem de brincar, são crianças que por fatores de ordem sócio-econômicas são desprovidas desse direito. E, por isso, são empurradas de maneira precoce para o universo adulto.

O que é marcado pela sociedade contemporânea é a lógica do consumo, e uma das principais influenciadores é a mídia, em que está presente no dia a dia tanto na vida dos adultos como das crianças.

Com o capitalismo e a exigência cada vez maior por bens de consumo, cresce proporcionalmente a cobrança aos pais, que se submetem a maiores cargas horárias de trabalho para que possam proporcionar aos seus filhos uma “vida melhor”.

Porém, a intensidade e as longas jornadas de trabalho, fazem com que crianças passem longos períodos distantes dos cuidados dos pais ou responsáveis, e acabam expostas ao conteúdo irrestrito da internet e a rede televisiva, em que são propagados diversos comerciais que acabam influenciando a vida e o desejo de<sup>2</sup> consumir, perdendo-se a essência do meio infantil e fazendo com que esses tenham facilitado ao acesso ao universo adulto.

Nesta perspectiva, percebemos alguns estudos que alertam para o desaparecimento da infância. Em especial Silva (2009) sustenta

que a mídia ocasionou o fim da infância é não ter consciência da transformação ocorrida no âmbito social que modificou o modo com que as crianças passaram a se relacionar no mundo, formas de brincar diferentes do tempo dos nossos pais ou dos nossos avós, que por hora não cabe julgar se é melhor ou não, mas, sim, prender-se ao fato de que existem maneiras diferentes de experienciar a infância e que se voltarmos os olhos para as crianças buscando não compará-las com uma infância que foi melhor, veremos uma criança real que se encontra a nossa frente, veremos, também, como elas estão constituindo-se e percebendo o mundo a sua volta (SILVA 2009, p.36)

Diante disso, cabe ressaltar que a compreensão da forma como a criança é representada no livro escolar, se deve também a maneira como socialmente as crianças são vistas. Sendo Assim, no próximo capítulo, tratamos sobre os livros escolares como um importante objeto de estudo para se conhecer a história e como a infância está sendo retratada nesses materiais para que possa melhor compreender seu papel na sociedade contemporânea.

---

<sup>2</sup> Partindo, portanto, desse pressuposto, o referido autor diz que a noção de infância se altera significativamente, pois ser criança no mundo atual é ter um corpo que consome coisas de criança, e que estas coisas são definidas por meio da mídia como sendo próprias para a criança. Estas coisas seriam em suas palavras: por um lado bolachas, danoninhos, sucos, roupas, aparatos para jogos etc., por outro, gestos, comportamentos, posturas corporais, expressões etc (p.38).

## CAPÍTULO 2 – AS CRIANÇAS NOS LIVROS ESCOLARES DE HISTÓRIA

No presente capítulo abordamos algumas questões relacionadas ao que definimos no capítulo anterior como referente à infância, em que buscamos discutir a compreensão e definição do sentido do conceito. Assim, munidos do entendimento do conceito de infância e suas especificidades procuramos apresentar como a Infância é apresentada nos livros escolares de história.

### 2.1 A representação das crianças nos livros escolares

No momento trataremos a discussão de como a Infância foi apresentada nos livros escolares brasileiros, tendo como fontes de pesquisa os livros didáticos de história: Francisco de Assis Silva (1994) *História do Brasil I. Colônia*; Ricardo Dreguer e Eliete Toledo (1995) *História Cotidiano e Mentalidades – Da Hegemonia Burguesa à Era das Incertezas Séculos XIX e XX*; Cláudio Vicentino (1996) *História memória viva – Brasil Período Colonial e Independência*; José Rivair Macedo e Mariley W. Oliveira (1996) *Brasil Uma História em Construção*; Nelson Piletti e Claudino Piletti (2002) – *História e Vida Integrada*; Maria Raquel Apolinário Melani (2006) – *Projeto Araribá História*;

Nossas análises nos levaram a alguns livros didáticos, que contemplam o tema da História do Brasil. O primeiro deles, *História do Brasil I. Colônia* de Francisco de Assis Silva, publicado pela Editora Moderna no ano de 1994.

O livro não é tão amplo, com apenas 117 páginas, mas abrange tópico sobre as diversas fases políticas do Brasil: Colônia, Império e República, de fácil entendimento e compreensão, trazem várias ilustrações, mapas e não contém questões, apenas ao final de cada capítulo há uma síntese do conteúdo e leituras complementares.

Na introdução dos conteúdos percebemos que no texto trás um pequeno parágrafo falando sobre a criança e a desigualdade que ocorre no nosso país:

O estudo de história nos auxilia também a refletir sobre o excesso de riquezas de poucos e a miséria da grande maioria da população em sociedades como a brasileira, em que milhões de crianças não podem estudar porque têm que trabalhar e ajudar os pais no sustento da família (SILVA 1994 p. 10).

Para ilustrar o texto, há uma imagem colorida, em tamanho médio, colocada ao lado direito da página retratando a infância<sup>3</sup>, seguida da legenda: “Menores trabalhadores em São Paulo (SILVA 1994, p. 10)”, em que demonstra com o estudo de história temos um olhar mais crítico perante a realidade e injustiçasocial.

Nas páginas seguintes, observa-se o tópico “A comunidade indígena no Brasil”, em que faz uma descrição sobre a vida indígena dentro da aldeia, o papel de cada membro da comunidade e também as responsabilidades entre elas as das crianças:

Os índios não castigavam seus filhos, pois havia entre pais, filhos e irmãos um respeito e um amor muito fortes. As meninas brincavam e ajudavam suas mães nos afazeres domésticos e no cuidado com os irmãos menores. Os meninos com seus arcos e flechas, caçavam pequenos animais, imitando os mais velhos (SILVA 1994, p.20).

Ao final da página existe uma imagem que retrata as crianças indígenas brincando entre eles com objetos feitos de madeira: o arco e a flecha, já sendo exercitados para o futuro na comunidade e também aparecem se banhando no rio<sup>4</sup>.

Como descrito na introdução nos estudos, no capítulo 5 “A formação econômica do Brasil” há uma única imagem com a seguinte legenda: “Criança negra no corte de cana (SILVA 1994, p. 46)”, retratando as condições extremas em que o Brasil passou com a exploração da mão de obra negra nos engenhos de açúcar<sup>5</sup>.

No decorrer do livro, no capítulo 6 “A formação da sociedade brasileira” para ilustrar o início dos estudos há algumas fotos de diferentes crianças, uma indígena, uma branca e uma negra<sup>6</sup>, seguida da seguinte frase: “Ao índio, ao branco e ao negro devemos a formação da sociedade brasileira, que cresceu à custa da exploração do trabalho africano e da invasão do território das nações indígenas (SILVA 1994, p. 54)”, demonstrando a importância desses povos na nossa sociedade. A discussão caminha na direção do mito da democracia racial. Atenuando a violência sofrida por índios e negros no Brasil.

---

<sup>3</sup> Podemos observar a imagem descrita na Figura “1” nos Anexos.

<sup>4</sup> Figura “2” nos Anexos.

<sup>5</sup> Figura “3” nos Anexos.

<sup>6</sup> Figura “4” nos Anexos.

Na primeira página do mesmo capítulo com o tópico “A sociedade colonial”, descrevem a formação da sociedade brasileira, com duas imagens: a primeira são de vários índios em que a maioria deles são crianças vivendo em condições extremas, no qual elas estão descalças e com as roupas sujas em meio a muitos destroços e sem moradia<sup>7</sup>, seguida da legenda “Índios destrribalizados vivendo à beira das estradas no Paraná (SILVA 1994 p. 55)”<sup>7</sup>; já a segunda não tão diferente da outra é uma pequena família que encontra-se em uma situação de miséria e ao fundo nota-se uma criança na janela<sup>8</sup>.

Ao fim do livro encontramos uma cronologia identificando os anos e seus principais acontecimentos históricos, e também um glossário com as palavras utilizadas nos textos do conteúdo, verificamos que também que não há referencias de autores e nem de outras obras.

Portanto, a primeira análise foi muito interessante em que revela a criança em poucos pontos e quando se fala da infância é só mencionada a indígena, sendo seguida da importância das responsabilidades que elas irão assumir futuramente.

Seguindo uma linha cronológica de datas próximas, investigamos outro livro da década de 1990, *História Cotidiano e Mentalidades da Hegemonia burguesa à era das incertezas século XIX e XX* de Ricardo Dreguer e Eliete Toledo, publicado pela Atual Direto no ano de 1995.

O presente livro didático é um pouco extenso com 205 páginas, em que é dividido em 16 capítulos, sendo dividido em vários subtítulos, explorando acontecimentos ocorridos pelo mundo e a história do Brasil, encontrando poucas questões a serem respondidas no final de cada capítulo.

No capítulo 1 intitulado: “A afirmação do modo de vida burguês”, a mesma imagem é reproduzida duas vezes, a primeira encontra-se para ilustrar o título do capítulo, já a outra esta localizada em meio ao texto com um tamanho superior<sup>9</sup>, seguida da legenda: “Não há lugar como o lar. Caricatura de Richard Doyle representando a reunião familiar como refúgio às turbulências da vida exterior (DREGUER E TOLEDO

---

<sup>7</sup> Figura “5” nos Anexos.

<sup>8</sup> Figura “6” nos Anexos.

<sup>9</sup> Figura “7” nos Anexos.

1995 p.12)”, demonstrando o modo de vida burguês e que aliada ao texto se refere como os burgueses faziam para que não perdessem seus costumes e sua cultura.

Também no capítulo 2 denominado “A classe operária em movimento”, descreve o modo de vida dos trabalhadores, nota-se que ao estipular a função de cada um durante a rotina do dia a dia, a criança aparece citada como filhossendo:

O casal conversava sobre o dia de trabalho e a saúde dos filhos. Estes geralmente, passavam o dia na rua, embora alguns poucos ainda permanecessem empregados nas fábricas ou minas, apesar da redução no emprego de mão-de-obra infantil, por pressão dos sindicatos de trabalhadores. Depois do jantar, o quarto que muitas vezes, era dividido com os filhos. Tal situação incomodava os operários – que procuravam separar seu quarto do das crianças, tão logo conseguiam juntar algum dinheiro (DREGUER E TOLEDO 1995,p.25).

Ao final do parágrafo é retratada uma figura com duas crianças que aparentemente a mais velha cuida da jovem, fazendo-a dormir, enquanto a mãe aparece ao canto realizando serviços domésticos, sendo representadas no interior de uma casa pobre<sup>10</sup>.

Percebemos que na página 68, um tópico tendo como subtítulo “Da escravidão ao trabalho livre” apresenta-se a imagem de escravos e, há uma única criança no colo de sua mãe e todos estão fugindo da escravidão<sup>11</sup>.

Logo na página 78 no capítulo 7, após o texto explicativo sobre os operários e a vida nas indústrias, encontra-se uma foto dos operários de uma fábrica<sup>12</sup>, estão presente 3 crianças dentro de um cômodo sendo demonstrada as condições de emprego na época do desenvolvimento industrial.

No capítulo 9 “Origens do totalitarismo” nota-se uma foto na página 104 de uma destaque diferente<sup>13</sup>, em tamanho maior remetendo aos civis soviéticos tendo como primeira pessoa um menino segurando uma arma e um homem em que estariam resistindo ao exército alemão, tentando proteger o seu país.

---

<sup>10</sup> Figura “8” nos Anexos.

<sup>11</sup> Figura “9” nos Anexos.

<sup>12</sup> Figura “10” nos Anexos.

<sup>13</sup> Figura “11” nos Anexos.

Dando continuidade a matéria, na próxima página há um sub tópico “Vivendo para o nazismo”, explicando o que acontecia nos países que eram controlados pelo nazismo, nesta aparece a criança novamente,

Para garantir que seus filhos assumissem essas posições e contribuíssem para o fortalecimento do regime, os nazistas os entregavam muito cedo a instituições controladas pelo partido. Nelas, meninos e meninas eram educados juntos apenas até os 4 anos, quando então se separavam e seguiam caminhos diferentes. Os meninos eram submetidos a uma educação militarizada (fig.9), vestiam uniformes – calças pretas e camisas mostardas com a cruz suástica -, realizavam exercícios físicos e aprendiam a valorizar a disciplina e a autoridade (...).

Já as meninas eram preparadas para serem boas mães, geradoras de filhos saudáveis, que estariam a serviço do nazismo. Vestindo saias azuis, blusas brancas e pesados sapato próprios para marcha, elas realizam treinamentos físicos que se destinavam a garantir a saúde como reprodutoras (DREGUER E TOLEDO 1995, p.106).

Para ilustrar esta passagem no texto aparece uma foto dos meninos vestidos com o uniforme nazista<sup>14</sup>, demonstrando o que era feito para que o nazismo tivesse sucesso e também na próxima página há um desenho<sup>15</sup> com a legenda “Ilustração do livro infantil que procura caracterizar superioridade alemã (DREGUER E TOLEDO 1995, p.107)” em que se remete a muitas crianças brincando juntas em frente a escola para que os mesmos sejam formados para trabalhar a serviço dos ideais do nazismo.

Capítulo 10 “O Brasil da era Vargas” relata um novo modo de como o país estava sendo organizado politicamente e como afetou a vida da população de forma positiva, em particular ressaltando o ingresso da mulher no mercado de trabalho na década de 30 e 40 “Eram professoras, enfermeiras datilógrafas ou telefonistas (DREGUER E TOLEDO 1995, p.115)”, diante desse momento foi inserido uma imagem após o texto que destaca a professora ensinando as crianças<sup>16</sup>, sendo colocadas como uma mero aprendiz de técnicas para o cotidiano, “Nos jardins de infância e escolhas primárias destinadas a filhos de operários, valores morais e civismo eram ensinados a crianças (DREGUER E TOLEDO 1995, p.115)”.

---

<sup>14</sup> Figura “12” nos Anexos.

<sup>15</sup> Figura “13” nos Anexos.

<sup>16</sup> Figura “14” nos Anexos.

Já no capítulo 11 a criança aparece meramente ilustrando o modo de vida burguês e norte-americana, sendo retratada ao lado dos pais<sup>17</sup>, demonstrando como toda a população deveria ser e seguir o exemplo dos mais velhos.

A partir daí, no capítulo 12 “*China: em busca de uma alternativa socialista*”, após o texto sobre o modelo soviético, há uma imagem em que apresenta uma família chinesa<sup>18</sup>, sendo um menino segurado pela mãe e o pai um soldado do exército exaltando a vitória dos comunistas.

A revolução cultural na China teve participação dos estudantes que eram na sua maioria crianças que organizavam manifestações de ruas para lutar contra os inimigos, promovendo debates, sendo retratado pela foto<sup>19</sup> da página 142.

Tendo como última manifestação da infância nesse livro didático no capítulo 13 trata sobre a África e as circunstâncias que o país se encontra, seus desafios e dificuldades a serem enfrentados. A criança aparece em condições mínimas de sobrevivência, sentada ao chão e aparentemente doentes em consequência do subdesenvolvimento do lugar<sup>20</sup>.

Portanto, podemos notar que neste livro a criança é representada muitas vezes, mas não como alguém específico e que merece uma visão especial, mas sim como mão de obra barata, futuros soldados e operários que precisam aprender e conhecer seu futuro e como exercer sua função da melhor maneira possível.

Continuando as nossas análises, o próximo livro contemplando o tema da História do Brasil, é *História Memória Viva - Brasil Período Colonial e Independência* de Cláudio Vicentino, publicado pela Editora Scipione no ano de 1996.

O livro não é tão extenso com 137 páginas e abrange os conceitos e acontecimentos sobre a história da colonização do Brasil, sendo de fácil compreensão e entendimento, havendo alguns questionários e resumos ao término de cada capítulo. No que diz a respeito ao nosso tema de estudo, no sumário não há uma parte específica para as crianças e que trate da infância.

---

<sup>17</sup> Figura “15” nos Anexos.

<sup>18</sup> Figura “16” nos Anexos.

<sup>19</sup> Figura “17” nos Anexos.

<sup>20</sup> Figura “18” nos Anexos.

Na introdução do conteúdo percebemos um pequeno fragmento de texto sobre a infância, onde se retrata a imagem de crianças indígenas<sup>21</sup> com a seguinte legenda: “Nem todos os grupos humanos alcançaram estágios avançados de civilização. Existem ainda hoje inúmeras sociedades primitivas na Áustria, no Brasil e na África” (VICENTINO, 1996, p. 12). Observa-se que a legenda nada menciona sobre a presença das crianças na imagem. Sendo, sua representação apenas ilustrativa.

Neste sentido, considera-se pois, que de acordo com o texto, os indígenas não eram pessoas civilizadas e que para a melhoria do período, todas elas precisariam ser dominadas, sob a imposição de uma outra cultura, tida “superior”.

Com o decorrer dos conteúdos chegamos ao capítulo 7 – *A formação Étnica do Brasil*, em que aparece uma imagem, no qual há um retratado um padre ensinando os adultos indígenas e uma criança indígena acompanha tudo ao lado de um adulto<sup>22</sup>. A imagem é acompanhada pela frase: “A atuação dos jesuítas foi muito marcante, especialmente durante os dois primeiros séculos da colonização do Brasil” (VICENTINO 1996, p.78).

A imagem está inserida no subtítulo “Os jesuítas e as missões” (VICENTINO, 1996, p.78), representando o objetivo da Companhia de Jesus no início da colonização. Em que:

tencionavam converter ao Cristianismo os nativos das terras brasileiras. Para isso, organizaram comunidades indígenas chamadas de missões, onde ensinavam a língua portuguesa e a religião cristã aos nativos, afastando-se de seus costumes e tradições religiosas (VICENTINO 1996, p. 78).

Na próxima página, há outra imagem sendo apresentadas várias crianças indígenas e alguns colonizadores<sup>23</sup>, seguida da frase: “A confrontação entre braços e índios e o conseqüente extermínio da população indígena vem desde o início da colonização e tem se agravado nos últimos anos, com a expansão das fronteiras econômicas” (VICENTINO 1996, p. 79). No contexto o título “O extermínio indígena” (VICENTINO 1996, p.78), descreve a luta dos índios contra a exploração dos colonizadores.

---

<sup>21</sup> Figura “19” nos Anexos.

<sup>22</sup> Figura “20” nos Anexos.

<sup>23</sup> Figura “21” nos Anexos.

Finalizando o livro, no capítulo 11 “O fim do Período Colonial” (VICENTINO 1996, p. 114), a criança aparece em uma imagem<sup>24</sup>, num pequeno lugar, quase imperceptível ocupando o papel de coroinha, auxiliando o padre, com a frase: “Antonio Pereira, Revolução Pernambucana” (VICENTINO 1996, p.114).

Nota-se que nesse primeiro livro observamos que a criança ocupa pouco espaço, não tendo um lugar de destaque, aparece na maioria das vezes de forma inferiorizada em relação aos outros personagens naimagem.

Dando continuidade a nossas análises o próximo livro didático é o *Brasil Uma história em construção de José Riviari Macedo e Mariley W. Oliveira (1996)*. Em sua estrutura física, o livro não é tão extenso compreendendo 173 páginas, com muitas imagens, de fácil linguagem, com muitos exemplos de leituras complementares, vocabulário e algumas perguntas a serem respondidas variando entre duas a seis questões.

Logo na capa se nota a presença da infância, nesta há três fotos<sup>25</sup>, a primeira expõe uma criança indígena sendo amamentada e a segunda duas crianças saltando em meio a um campo.

Diferente dos anteriores neste livro a criança aparece em muitos capítulos, como a criança indígena seu cotidiano dentro da aldeia, os desafios que o Brasil enfrenta para colocar a criança como sujeito de direitos e deveres, sendo recorrente até o capítulo 14.

Ao nos deparar com o capítulo 15 “Meninos de casa e crianças abandonadas no Brasil colonial” ocorre uma parte específica explicando sobre a história da infância.

O capítulo não é muito extenso, contendo apenas 5 páginas, mas com bastante informações sobre a história da infância e demonstrando que hoje ela é um indivíduo que deve ser respeitado na sua especificidade.

Com base no texto, Macedo e Oliveira explicam que na Idade Média:

Jovens e crianças, até pelo menos o século XVI, eram tratados como “adultos em miniatura”. Somente no século XVIII, que dizer, há mais ou menos 200 anos, quando se iniciaram as preocupações com a própria presença e

---

<sup>24</sup> Figura “22” nos Anexos.

<sup>25</sup> Figura “23” nos Anexos.

existência das crianças, elas tornaram-se dignas de maiores cuidados e atenções. De lá pra cá, os pequenos lentamente assumiram um lugar mais importante dentro da família (MACEDO e OLIVEIRA 1996, p.132).

Sendo ilustrado por duas imagens antigas onde crianças estão vestidas com trajes elegantes, estão em posições que passam um olhar sério<sup>26</sup>.

Os próximos subtítulos descrevem a estrutura familiar e o cotidiano da vida de uma criança branca,

No caso dos filhos dos senhores, eram enviados aos colégios jesuíticos para aprender o “bê-a-bá”, ou então a estudar com os mestre-escolas, contratados pelos pais para educá-los. Era o caminho para virar “doutor”.

As meninas, após a primeira comunhão, deixavam de ser consideradas crianças.

Tornavam-se sinhá-moças, prontas para o casamento (MACEDO e OLIVEIRA 1996, p.134).

Porém somente os filhos dos senhores recebiam uma educação de qualidade, já o tratamento era diferente para as crianças negras escravas:

(...) de ambos os sexos, também deixavam muito cedo de viver como crianças. Até os 7 anos, podiam andar livremente pela senzala ou pela casa-grande, correr e brincar. Como não conheciam os pais, pois entre os escravos não havia casamento ou ligações totalmente individuais, todos poderiam ser seus pais. Após essa idade, quando já conseguiam trabalhar, começavam a “pega no pesado”, juntando-se aos companheiros de cativeiro. Tornavam-se, por bem ou mal, novos adultos (MACEDO e OLIVEIRA 1996,p.134).

O texto se desenvolve estabelecendo uma relação entre o passado e presente, explica sobre a pobreza e a vida das crianças que hoje estão abandonadas e vivem em condições de miséria, muitas delas eram abandonadas na roda dos expostos. De acordo com o texto, a roda dos expostos:

---

<sup>26</sup> Figura “24” nos Anexos.

Era o nome que se dava a um aparelho, em geral cilíndrico, com um dos lados aberto, colocando nas portas locais destinados a receber crianças enjeitadas. A utilização desse tipo de engrenagem permitia que a identidade de quem “lançava” a criança na roda não fosse conhecida. Ao colocar o enjeitado na roda, girava-se o aparelho, de modo que o lado da roda em que a criança estava, acabava indo parar no outro de dentro da casa (MACEDO e OLIVEIRA 1996,p.136).

Encontrando-se uma imagem e documentos para representar como era feito o registro dessas crianças que eram deixadas no local<sup>27</sup>, podia ser adotada se acaso conseguisse sobreviver, pois as condições higiênicas nos orfanatos eram péssimas e muitas delas acabavam morrendo.

O último tópico “Construindo o conhecimento: as crianças pobres na História do Brasil” relata a criança na atualidade e qual o espaço que ela ocupa de acordo com vários pontos presentes na sociedade. Seguindo de questões e músicas que relevam os aspectos da história das crianças pobres em nosso país, e finalizando com atividades e vocabulário.

Sendo assim reconhecemos que os primeiros capítulos até chegar no 15 a presença da criança é constante. Porém após a explicação da sua trajetória histórica no mesmo, por seguinte não há mais fotos ou relatos sobre a infância.

Dando continuidade às nossas análises, o próximo livro é o *História e vida integrada* de Nelson Piletti e Claudino Piletti (2002).

O livro é um pouco extenso com 247 páginas, numerosos capítulos e subtópicos, a todo início de capítulo se tem uma capa com cores escuras dando a entender o passado como folhas mais antigas, com atividades, textos informativos e por fim questões para fazer uma síntese de cada conteúdo estudado.

No capítulo 3 denominado *No Brasil, a Primeira República*, a criança aparece em uma imagem sendo retratada como imigrantes que vieram para o Brasil<sup>28</sup> depois das atividades do cultivo de café aumentaram, com a legenda:

Entre 1894 e 1903, entraram no Brasil mais de 1 milhão e 500 mil imigrantes, na sua maioria italianos. Em algumas cidades, como São Paulo, a população

---

<sup>27</sup> Figura “25” nos Anexos.

<sup>28</sup> Figura “26” nos Anexos.

estrangeira era maior do que a de brasileiros. Na imagem, fotografia do passaporte de uma família de imigrantes italianos (PILETTI e PILETTI 2002, p.33).

Em uma segunda imagem na mesma página também são apresentadas a infância, mas desta vez como trabalhadores de uma fábrica têxtil<sup>29</sup>, em que está inserida em texto sobre o movimento operário.

No capítulo 7 nomeado como: *A Segunda Guerra Mundial*, encontra-se uma leitura complementar *Leningrado: 3 milhões de encurralados*, relata como fica o dia a dia das pessoas e as cidades que foram invadidas pelas forças alemães, para ilustrar há uma foto antiga de crianças sentadas ao chão observando as aulas<sup>30</sup>, seguida da legenda: “Professora lecionando no exterior de uma escola em ruínas. Em Leningrado. Essa foto foi bastante divulgada, tentava passar a idéia de que a vida continuava normalmente nas cidades russas atingidas pelos alemães (PILETTI e PILETTI 2002, p.69)”.

Algumas páginas à frente também está uma imagem de duas crianças sozinhas reflexo das consequências da segunda guerra mundial<sup>31</sup>, em que diversas cidades foram devastadas, pessoas dizimadas e crianças órfãs.

Já na página 113 podemos notar a infância de outra forma, como soldados que defendem seu país<sup>32</sup>, onde a figura mostra dois meninos preparando armadilhas “(...) com tronco de madeira cheio de pontas de bambu (PILETTI e PILETTI 2002, p.113)” em preparação para a Guerra do Vietnã.

Percebe-se que na foto da página 115 há a presença de um bebê em meio as mulheres combatentes em lutas revolucionárias<sup>33</sup>, sendo ele inserido num local em que não se tem uma maior preocupação para a infância, pois a criança aparece encostada em grades, em meio a um cenário de luta para a sobrevivência.

Seguindo o conteúdo estipulado pelo livro no capítulo 14 *Os Estados Unidos no mundo atual*, o assunto do subtítulo 2 é *Entre o século XX e o XXI* vem abordar sobre a informática e sua importância no mundo e os setores que estão em desenvolvimentos

---

<sup>29</sup> Figura “27” nos Anexos.

<sup>30</sup> Figura “28” nos Anexos.

<sup>31</sup> Figura “29” nos Anexos.

<sup>32</sup> Figura “30” nos Anexos.

<sup>33</sup> Figura “31” nos Anexos.

nos EUA, exemplifica por meio da imagem de uma família norte americana com pais<sup>34</sup>, um cachorro e três crianças demonstrando que todas as pessoas de qualquer idade tem acesso a informação a qualquer momento por meio do uso da tecnologia.

Entretanto, o livro enfatiza que o país norte americano também enfrenta desafios como a ofensiva militar causada por terroristas que destruíram centenas de casas provocaram numerosas mortes em que as mais atingidas foram mulheres e crianças, no qual foi estampada a foto de duas crianças desabrigadas, em acampamentos militares<sup>35</sup>.

Ainda como temática sobre as guerras, o sub tópico *A desintegração da Iugoslávia*, descreve as causas, consequências, as dificuldades que a população teve que enfrentar com o pós guerra em que muitas pessoas ficaram sem casas e aumento da criminalidade entre todos, sendo mostrada uma foto de um bebê chorando no colo de sua mãe<sup>36</sup>, com a inscrição: “Cena da guerra civil na Bósnia: foto interna de um ônibus, no qual alguns dos 5 mil bósnios mulçumanos, obrigados a deixar suas casa, embarcam para viver no campos dos refugiados (PILETTI e PILETTI 2002,p.159)”

O capítulo 16 *Uma região explosiva: o Oriente Médio* trás especificadamente muitos traços do que acontece no país, sendo intercalados por textos complementares, um deles nos chamou atenção *O outro lado da Guerra do Golfo* que narra como foi a o processo da guerra e se houve impactos graves, de modo que “O mais trágico foi o nascimento de bebês, filhos de soldados e técnicos, com graves deformações físicas (Piletti e Piletti 2002 p.168)” enfatizando uma imagem de um menino com deformações causadas por contaminações sofridas pelo pai na guerra<sup>37</sup>.

Logo no próximo capítulo 17 ainda na introdução da matéria contém uma menina japonesa<sup>38</sup>, sentada ao lado de alguns sacos e malas, vestida com um uniforme de soldado, seguida da legenda:

Após a Segunda Guerra Mundial, o Japão passou de inimigo a um dos principais parceiros norte-americanos na Ásia. Na foto, criança japonesa de nacionalidade norte-americana em campo de confinamento nos Estados

---

<sup>34</sup> Figura “32” nos Anexos.

<sup>35</sup> Figura “33” nos Anexos.

<sup>36</sup> Figura “34” nos Anexos.

<sup>37</sup> Figura “35” nos Anexos.

<sup>38</sup> Figura “36” nos Anexos.

Unidos, depois que o Japão atacou Pearl Harbor, no Havaí, durante a Segunda Guerra Mundial (PILETTI e PILETTI 2002, p.174).

Em uma página mais adiante, aparece uma criança junto da mãe olhando para uma pintura<sup>39</sup> “Maria Alice da Silva com seu filho Josivaldo diante do quadro sobre o massacre de Eldorado de Carajás (1996), no Pará, em que seu marido morreu (PILETTI e PILETTI 2002, p. 189)”, retratando como ocorreu tal tragédia em:

17 de abril de 1996, Eldorado dos Carajás, no sul do Pará, ficou conhecido em quase todo o mundo de uma forma vergonhosa e absurda, Dezenove sem-terra foram mortos num confronto com a Polícia Militar. O confronto ocorreu quando 1 500 sem-terra estavam acampados em protesto contra a demora da desapropriação de terras da Fazenda Macaxeira. A Polícia Militar foi encarregada de tirá-los do local, pois estavam obstruindo a Rodovia PA-150 (PILETTI e PILETTI 2002, p.188).

O capítulo 18 voltado ao *Brasil: trabalho e riqueza*, com um tema específico *Condições de vida*, detalha o modo de vida da população na atualidade, com uma imagem de família<sup>40</sup>, dois adultos e quatro crianças próximo a ponte,

As condições de vida da maior parte da população não têm melhorado nos últimos anos. Nas grandes cidades; crianças pedem esmola nas ruas; centenas de vendedores ambulantes ganham a vida de forma precária; no fim das feiras, pessoas recolhem o que sobrou; vãos de viaduto e calçadas são ocupadas por famílias sem-teto; favelas surgem ao lado de luxuosos edifícios; pessoas vasculham os lixões em busca de objetos ou restos de alimentos (PILETTI e PILETTI 2002,p.192).

Na próxima página há um sub tópico muito interessante, sendo específico para a infância, *9.A situação das crianças* apresentando o percentual de crianças que vivem em situações econômicas difíceis, tendo que trabalhar para ter um rendimento maior para a família, mostrando uma imagem de crianças em meio a lavoura tendo que se prestar a serviços pesados para sobreviver<sup>41</sup>. Mas com o desenvolvimento do país,

---

<sup>39</sup> Figura “37” nos Anexos.

<sup>40</sup> Figura “38” nos Anexos.

<sup>41</sup> Figura “39” nos Anexos.

houve algumas mudanças a partir de 1990: diminuiu o percentual de crianças de 7 a 14 anos que estavam fora da escola; caiu o índice de mortalidade infantil, que indica quantas crianças morrem até um ano de idade, foi erradicada a poliomielite (paralisia infantil); e entrou em vigor o Estatuto da Criança e do Adolescente, que estabelece as bases legais de proteção à criança e ao adolescente (PILETTI e PILETTI 2002,p.193).

Ao final do último capítulo também tem a presença de um menino, agora retratada em uma foto onde aparece de costas e nu<sup>42</sup>, representando as circunstâncias de miséria e fome que se vive no mundo atual.

Portanto, podemos perceber que não muito diferente de outros livros, nesse, existe mesmo que pequeno um texto em que apresenta a atualidade em que muitas crianças vivem, sendo ilustrada por fotos e textos complementares.

Seguindo uma linha cronológica de edições, analisamos o sexto livro didático *Projeto Araribá História* (2006), contendo 256 páginas, dividido em 8 unidades com diversos sub tópicos.

Nas primeiras páginas do capítulo I, traz a presença da criança em duas fotos antigas, uma em cada página<sup>43</sup>, mas sendo representada quase do mesmo modo, em que há professor e alunos aprendendo novas lições, preparando as crianças para o futuro.

Contudo na página 40 a criança esta sendo apresentada como refugiados em busca da liberdade juntamente com a demais população que tentam fugir dos conflitos em seu país<sup>44</sup>.

Não diferente do livro anterior neste também mostra em pintura uma família da burguesia , onde aparecem os pais e duas filhas sentadas, junto a mãe<sup>45</sup>.

A presença da infância também aparece em “(...) cartaz de propaganda stalinista (...) (MELANI 2006, p.89)” que eram colocados nas escolas, no qual um menino e uma menina fazem saudação ao um soldado que lutava na guerra<sup>46</sup>.

---

<sup>42</sup> Figura “40” nos Anexos.

<sup>43</sup> Figura “41” nos Anexos.

<sup>44</sup> Figura “42” nos Anexos.

<sup>45</sup> Figura “43” nos Anexos.

<sup>46</sup> Figura “44” nos Anexos.

Nos anos de 1920 a cultura e arte na Europa ganham um espaço maior diante da população tanto dos adultos quanto das crianças, na foto exhibe adultos e crianças juntas<sup>47</sup>, com a legenda: “Família ouvindo rádio, 1929. O rádio iria alterar drasticamente a imaginação das pessoas, influenciando opiniões e construindo sonhos coletivos (MELANI 2006, p.91)”.

Na unidade 4 *A crise do capitalismo e a Segunda Guerra Mundial*, com a ascensão do nazismo no poder a vida da população em geral mudou completamente, as crianças desde de muito pequenas eram ensinadas a serem soldados e a serem fiéis ao novo tipo de política, como aparece na foto de 1930 os pequenos com uniforme fazendo saudação nazista<sup>48</sup>.

Adolf Hitler impôs que a única raça aceita nessa nova sociedade seria a ariana, e para representar faziam pinturas retratando o que era aceito pelos nazistas, um exemplo<sup>49</sup> é o quadro da página 110,

Família de camponeses de Kalenberg, de A. Wissel (1939). Este quadro é um dos melhores exemplos de arte oficial nazista. Nele é feita a exaltação da raça ariana, da família, da educação e do camponês, quatro das bases ideológicas do regime nazista (MELANI 2006, p. 110).

Falando sobre o contexto de guerras, a infância se apresenta nesta parte como os que mais sofrem com toda a violência<sup>50</sup>, sendo obrigados a fugirem com seus pais para poder se proteger como mostra nas fotos da página 174, 180 e 252.

Portanto, o conteúdo do livro, contém muitos textos completos, atividades variadas, glossário e questões específicas para cada capítulo. A infância é apresentada, aparecendo somente em fotos fragmentadas nas páginas, ela ocupa o espaço de sofrimento ou como mini adultos, não tendo uma parte que relate as lutas e a sua importância.

Com as análises podemos perceber que a infância na maioria dos livros se apresenta de modo semelhante, com imagens para ilustrar os textos, algumas

---

<sup>47</sup> Figura “45” nos Anexos.

<sup>48</sup> Figura “46” nos Anexos.

<sup>49</sup> Figura “47” nos Anexos.

<sup>50</sup> Figura “48” nos Anexos.

representando a realidade social no qual muitas crianças vivem, outras como propagandas e umas a criança exerce o papel de adultos, sendo falado pouco sobre o seu contexto histórico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção do conceito da infância se deu ao longo de um processo histórico, pois de início a criança era vista como um adulto em miniatura. Somente após o Iluminismo e os eventos decorrentes da Revolução Industrial, como o próprio emprego (e posterior desemprego) da criança nas fábricas, foi que se passou a ter um olhar diferente para os pequeninos. Enxergando-os dentro de suas especificidades.

Esse processo desembocou na criação de leis para assegurar seus direitos, assim como, na construção de estabelecimentos escolares para a sua instrução. Nesse sentido, para entender como a infância é apresentada para os alunos nas escolas atualmente, analisamos alguns livros escolares de história, que foram publicados entre os anos de 1994, 1995, 1996, 2002 e 2006.

Com base em nossa análise, notamos que a infância aparece de diferentes formas em todos livros. Todavia na maioria deles ela figura apenas por meio de figuras (fotos e ilustrações), sendo colocada para exemplificar e, ou chocar com a realidade, a qual estavam sujeitadas. Estão apresentadas como vulneráveis, tristes, uma das principais vítimas de violências descritas nos acontecimentos relatados nos livros.

Nota-se assim, que em algumas passagens a criança ocupa lugar que não lhe deveria pertencer, precocemente atirada no mundo adulto, nas fábricas e nos campos, preparadas para lutar em guerras tornando-se um soldado, inclusive em regimes extremamente violentos, como o período nazista.

Contudo, em dois livros analisados, há espaço específico para discussão do conceito de infância. Nestes, as crianças, tiveram tratamento mais adequado em relação à teoria que discute o tema.

Em suma, nossa investigação demonstrou que as crianças ocupam um espaço secundário em vários textos escolares e, em muitos deles o seu papel não é problematizado ou analisado. Todavia, a ocorrência de dois livros que tratam o tema com mais cuidado, denota uma preocupação dos autores em perceber as crianças como sujeitos participativos da história. Desta maneira, acreditamos que a continuidade de estudos que tomem os textos escolares como fonte de pesquisa, pode revelar a forma pela qual a infância é apresentada na escola. Diante desta constatação, entendemos que esta pesquisa foi apenas o início de uma caminhada e que ela deve continuar. Pois, com

maior compreensão teórica e metodológica poderemos avançar no tratamento das fontes, e ter maior compreensão dos estudos sobre a história da infância no Brasil.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J.Q; CENTENO, C.V. *Os cadernos de história do estado de São Paulo (2008-2010)*. Disponível em: <file:///D:/Downloads/8640548-11111-1-PB%20(1).pdf>. Acesso em 30/out/2016.
- ALVES, Gilberto Luiz. *A produção da escola pública contemporânea*. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2004.
- \_\_\_\_\_. *O trabalho didático na escola moderna: formas históricas*. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Organização do trabalho didático: a questão conceitual*. ActaScientiarum, Education (Online), v. 34, p. 169-178, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Textos escolares e manuais didáticos comenianos*. Texto apresentado na I Jornada de Estudos Sobre a Organização do Trabalho Didático. Campo Grande, 2011.
- ALVES, Gilberto Luiz; CENTENO, Carla Villamaina. *A produção de manuais didáticos de história do Brasil: remontando ao século XIX e início do século XX*. Revista Brasileira de Educação, v. 14, n. 42, p. 469-487, set./dez. 2009.
- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2 ed. Tradução: Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Afiliada, 1981.
- BARBOSA, A.A. *A concepção de infância na visão de Philippe Ariès e sua relação com as políticas públicas para a infância*. Disponível em: <<http://revista.ufrb.br/index.php/examapaku/article/view/1456/1050>>. Acesso em: 05/nov/ 2016.
- BERNARTT, R.M. *A infância a partir de um olhar sócio histórico*. Disponível em: <[http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais\\_XVENABRAPSO/226.%20a%20inf%C2ncia%20a%20partir%20de%20um%20olhar%20s%D3cio-hist%D3rico.pdf](http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/226.%20a%20inf%C2ncia%20a%20partir%20de%20um%20olhar%20s%D3cio-hist%D3rico.pdf)>. Acesso em: 05/nov/2016.
- BRITO, Silvia Helena Andrade de. *O ensino de sociologia e a organização do trabalho didático no Colégio Pedro II (1925-1945)*. Revista Brasileira de História da Educação, v. 12, p. 95-124, 2012.
- DREGUER, Ricardo; TOLEDO, Eliete. *História Cotidiano e Mentalidades Da Hegemonia Burguesa à Era das Incertezas Século XIX e XX*. 4.ed. São Paulo, SP. Atual, 1995.
- GIL, A.C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- Infância e educação: O necessário caminho de trabalhar contra a barbárie*. In: KRAMER, Sônia; LEITE, Maria I.; NUNES, Maria F.; GUIMARÃES, Daniela (orgs). *Infância e educação infantil*. Campinas: Papyrus, 1999.

KUHLMANN Jr. Moysés. *Infância e educação infantil: uma abordagem histórica*. Porto Alegre: Mediação, 2010.

LANCILLOTTI, Samira Saad Pulchério. *Manuais de psicologia como instrumentos de trabalho utilizados na formação dos professores paulistas (1920-1940)*. Cadernos de História da Educação (UFU. Impresso), v. 12, p. 29-44, 2013.

LUSTING, Andréa Lemes; CARLOS, Rinalda Bezerra; MENDES, Rosane Penha; OLIVEIRA, Maria Izete. *Criança e infância: Contexto histórico e social*. Disponível em <<http://www.grupeci.fe.ufg.br/up/693/o/TR18.1.pdf>> . Acesso em: 05/Nov/2016.

MACEDO, José Rivair; OLIVEIRA, Mariley W. *Brasil Uma História em Construção*. 1.ed. São Paulo, SP. Brasil, 1996.

MELANI, Maria Raquel Apolinário. *Projeto Araribá História*. 1.ed. São Paulo, SP. Moderna, 2006.

MONARCHA, C. *História social da infância no Brasil*. In: FREITAS, Marcos Cezar de. (org). 6.ed. São Paulo: Cortez, 2006).

MOTTA, X.F; SILVA. R. *Um olhar possível sobre a infância*. Disponível em: <<http://publicacoes.unigranrio.com.br/index.php/reihm/article/viewFile/1579/888>>. Acesso em: 05/nov/2016.

NASCIMENTO, C.T; BRANCHER, V.R; OLIVEIRA, V.F. *A construção social do conceito de infância: algumas interlocuções históricas e sociólogas*. Disponível em: <<http://coral.ufsm.br/gepeis/wp-content/uploads/2011/08/infancias.pdf>>. Acesso em: 05/nov/2016.

PILETTI, Nelson; PILETTI, Claudiano. *História e Vida Integrada*. 2.ed. São Paulo, SP. Ática, 2005.

PRIORE, M.D. *O cotidiano da criança livre no Brasil entre a colônia e o império*. In: PRIORE, Mary Del. (org). *História das Crianças no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

SILVA, Francisco de Assis. *História do Brasil I. Colônia Primeiro Grau*. 3.ed. São Paulo. Moderna, 1994.

SILVA, Amanda Bertola. *Múltiplas faces da Infância: Concepções que se constroem no mundo contemporâneo*. Disponível em <<http://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/AMANDA%20BERTOLA%20DA%20SILVA%20.pdf>> . Acesso em: 05/Nov/2017.

SOUZA, Ana A. Arguelho de. *Manuais didáticos: formas históricas e alternativas de superação. A organização do trabalho didático na história da educação*. BRITO, Silvia Helena Andrade de [et al.]. (orgs.). Campinas, SP: Autores Associados: HISTEDBR, 2010.

VICENTINO, Cláudio. *História memória Brasil Período colonial e Independência*. 4.ed. São Paulo, SP. Scipione, 1996.

## ANEXOS

Figura 1



Figura 2

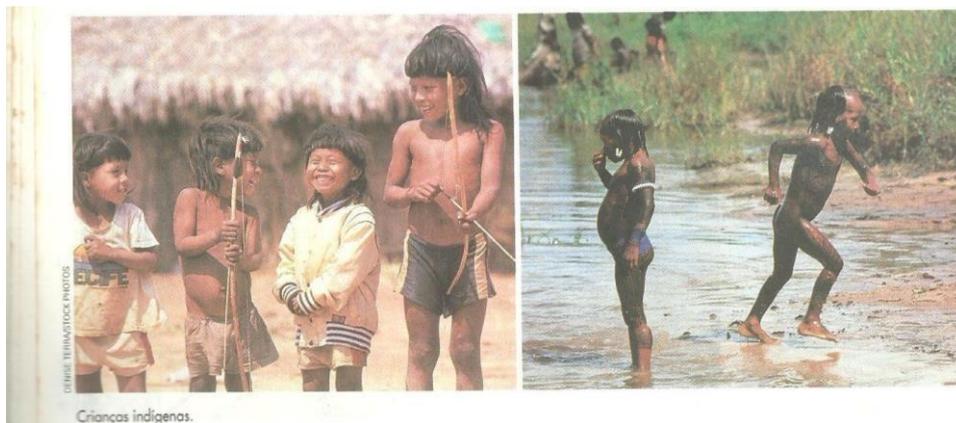


Figura 3

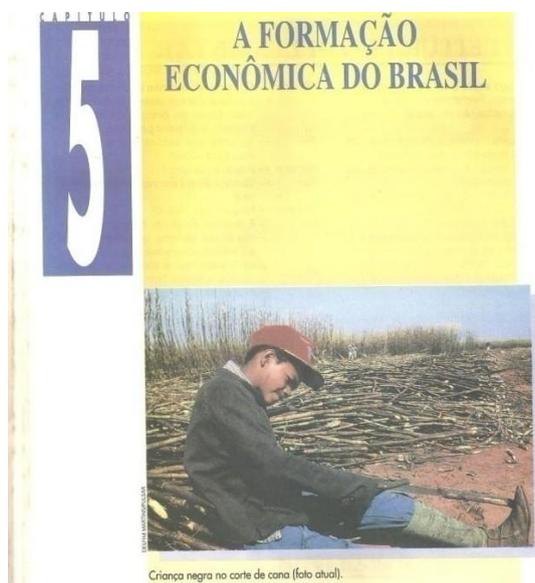


Figura4

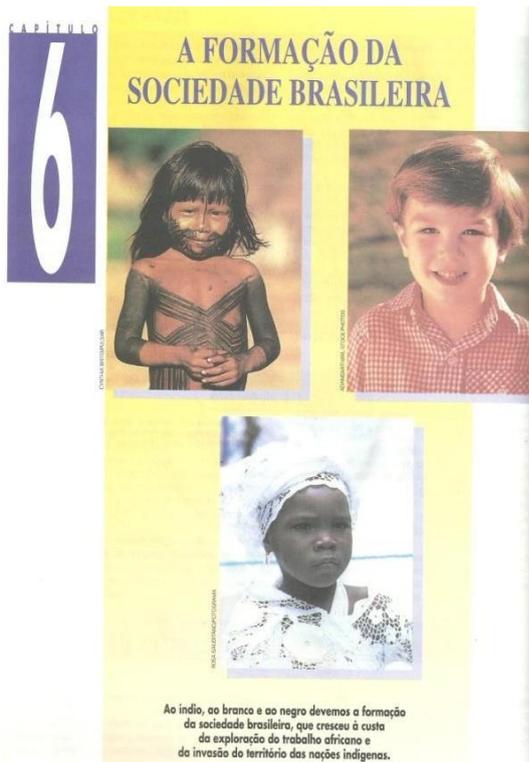
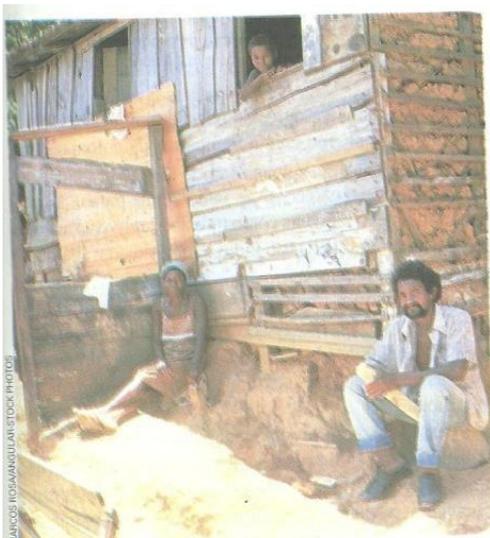


Figura6



Reflexo da vida miserável dos morros (foto atual).

Figura5



Índios destribalizados vivendo à beira de estradas no Paraná (foto atual).

Figura7

zavam jogos, os pro- os camponeses que trabalhavam em suas terras, ouvindo reivindicações ou arbitrando disputas.

Algumas vezes por mês, os aristocratas realizavam a caça, atividade característica da tradição nobre e que, até o século XVIII, havia sido privilégio exclusivo dessa camada. Participavam jogos, enquanto os nobres — com chapéus altos e calças de presilha — galopavam em cavalos puro-sangue. À noite, reuniam-se para a principal refeição, trajados a rigor: os homens vestiam coletes sobre camisas de linho, calças justas, gravatas altas e colarinhos engomados; as mulheres usavam vestidos de seda bordados e

Fig. 11 "Não há lugar como o lar." Caricatura de Richard Doyle representando a reunião familiar como refúgio às turbulências da vida exterior.

"THERE IS NO PLACE LIKE HOME."

Figura 8



Figura 9



Figura10



Figura11



Figura12



Figura13

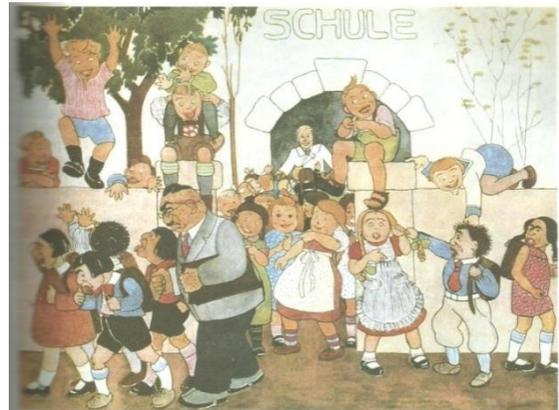


Figura14



Figura15



Figura16



Figura17



Figura18

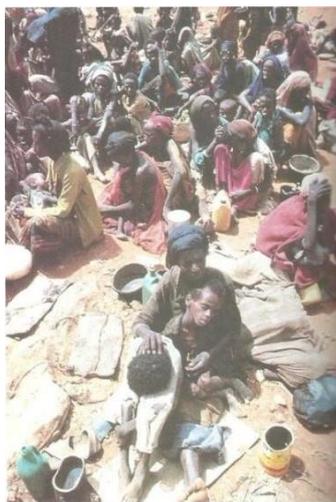
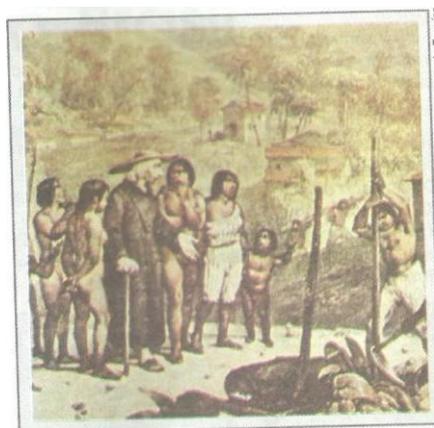
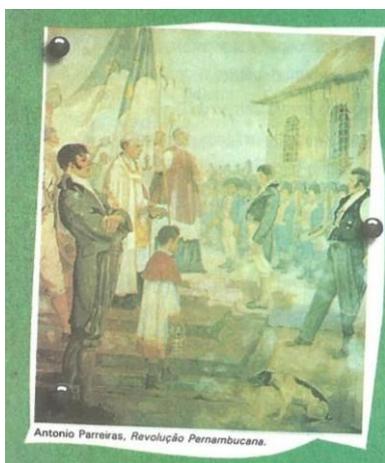


Figura20



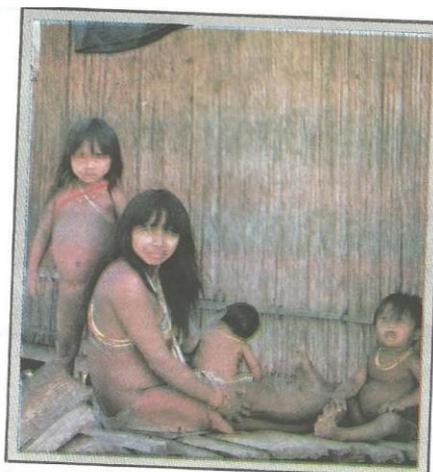
A atuação dos jesuítas foi muito marcante, especialmente durante os dois primeiros séculos da colonização do Brasil.

Figura22



Antonio Parreiras, *Revolução Pernambucana*.

Figura19



Nem todos os grupos humanos alcançaram estágios avançados de civilização. Existem ainda hoje inúmeras sociedades primitivas na Austrália, no Brasil e na África.

Figura21



A confrontação entre brancos e índios e o consequente extermínio da população indígena vem desde o início da colonização e tem se agravado nos últimos anos, com a expansão das fronteiras econômicas.

Figura23

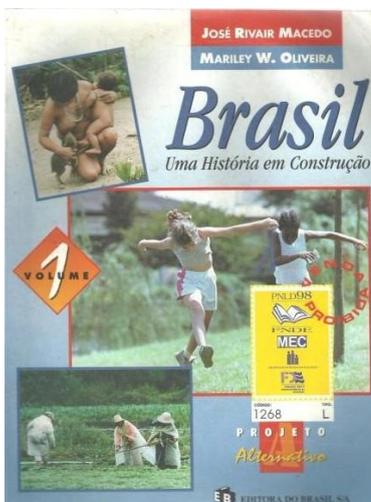


Figura24



**Crianças e jovens: adultos em miniatura**

Você sabia que durante muito, muito tempo mesmo as crianças, de um modo geral, não despertavam tanto a atenção dos adultos? O reconhecimento da infância como um momento próprio, específico da vida de cada ser humano, só aconteceu recentemente na História. Demorou bastante para que os adultos adquirissem consciência das particularidades no comportamento e atitude dos pequenos.

Na Europa, desde a época chamada Idade Média, isto é, em torno de 700 ou 800 anos, tanto uma pessoa de 4 ou 5 anos, quanto alguém de 14 ou 15 anos, que hoje chamamos de adolescente, eram considerados igualmente crianças. Jovens e crianças, até pelo menos o século XVI, eram tratados

como "adultos em miniatura". Somente no século XVIII, quer dizer, há mais ou menos 200 anos, quando se iniciaram as preocupações com a própria presença e existência das crianças, elas tornaram-se dignas de maiores cuidados e atenções. De lá pra cá, os pequenos lentamente assumiram um lugar mais importante dentro da família.

Essa pequena atenção reservada à criança e ao jovem pode ser percebida, por exemplo, quando observamos o traje utilizado pelos meninos e meninas do passado. Hoje, roupas e traços infantis juvenis são bem diferentes das usadas pelos adultos. As bermudas e calças, camisetas, saias e vestidos "hipertransados" revelam a alegria e a irreverência da juventude. Até mais ou menos 1920, quer dizer, há 70 anos, crianças e jovens não gozavam de tanta liberdade no ato de se vestir, nem na forma de se comportar. Vestiam-se e comportavam-se como adultos.

Figura25

**LIVRO CÓDIGO 03-02-16**  
 Período 1804-1811  
**REGISTRO DE ÓBITO**

*Aos 22 de março de 1810, faleceu da vida presente, Rita, de 10 anos de idade, exposta na casa de Isabel dos Santos, viúva. (a menina) Foi por mim encomendada e sepultada no cemitério desta matriz... O vigário Joaquim Miz Roiz.*

Arquivo paroquial de Franca (SP) - livro 1.

**REGISTRO DE MARIA, DEIXADA EM RODA DE EXPOSTOS NO BRASIL, ANO 1759**

*Em 8 de janeiro de 1759 se lançou na roda dos enjeitados, pela meia-noite, uma menina branca, com três camisas, um couro vermelho já usado, de um linho muito velho e uma fita vermelha já muito velha.... Em 3 de fevereiro a enjeitada foi dada a Rosa Maria, moça solteira...*

Livro 3 dos expostos - Estante G.1193, Arquivo da Santa Casa de Misericórdia de Salvador.

Fonte: CEDHAL - Centro de Estudos de Demografia Histórica da América Latina - São Paulo, 1990.



**Roda dos expostos, local onde eram depositados recém-nascidos, rejeitados. (Foto tirada no Museu da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo)**

material de doadores particulares. O benfeitor que contribuía e dava assistência aos expostos era lembrado carinhosamente como "pai dos sem pais".

As condições higiênicas dessas localidades não eram boas. Em torno da metade das crianças

Figura26



Entre 1804 e 1811

Figura27



Figura28



Figura29



Figura30



Figura31



Figura32



Figura33



Figura34



Figura35



Figura36



Figura37



Figura 38



Figura39



...e muitas das pequenas que têm  
...is que a situação é mais grave.

### 9 A situação das crianças

As crianças são as vítimas mais numerosas da difícil situação econômica em que se encontra o país.

Um relatório do Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância), divulgado em 13 de dezembro de 1995, informava que o Brasil tinha 21,1 milhões de menores de 18 anos vivendo em famílias com rendimento *per capita* mensal de até meio salário mínimo. Mais da metade deles vivia no Nordeste.

Havia também 2,9 milhões de crianças de 5 a 14 anos que trabalhavam.

Apesar dessa situação de pobreza de um número tão grande de crianças, houve algumas conquistas: a partir de 1990, diminuiu o percentual de crianças de 7 a 14 anos que estavam fora da escola; caiu o índice de mortalidade infantil, que indica quantas crianças morrem até um ano de idade; foi erradicada a poliomielite (paralisia infantil); e entrou em vigor o Estatuto da Criança e do Adolescente, que estabelece as bases legais de proteção à criança e ao adolescente.



Figura40

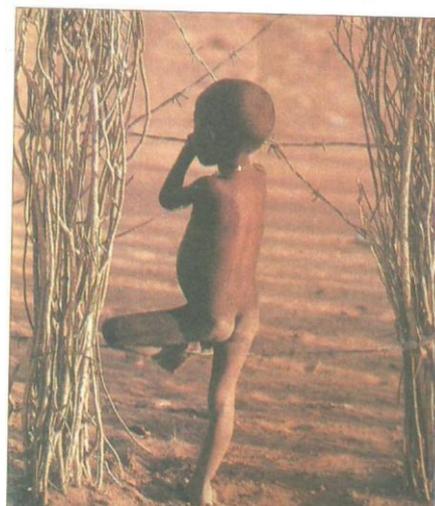


Figura 41



Figura42



Figura43



Figura44



Figura45



Figura46



Figura47



Figura 48

